

15. Amar com o amor de Cristo

"Se eu não os lavar, não terás parte comigo" (Jo 13,8). Se não nos deixarmos amar verdadeiramente por Cristo como Ele nos ama, não podemos partilhar o seu amor, não podemos permanecer nele e, portanto, exprimi-lo. Exprimi-lo como? Jesus diz: "Como eu vos tenho amado, assim também vós deveis amar-vos uns aos outros". (Jo 13,34).

Muitas vezes reduzimos o mandamento do amor fraterno a um "copiar e colar" que, a partir do exemplo de Cristo ou dos santos, tentamos anexar à nossa vida. Logo nos damos conta que algo não se encaixa, que algo não funciona. Onde está o erro? No fundo é aquele mesmo erro de Pedro, aquele de afirmar a partir das próprias forças: "Eu darei a minha vida por ti!"

Quando Jesus diz: "Permanecei no meu amor", no fundo revela-nos o segredo para não cairmos no voluntarismo que pretende seguir a Cristo apenas como leis e mandamentos, ou belos exemplos, mas não através do dom que Ele nos faz de si mesmo, aquele dom que o Espírito Santo continua a derramar na Igreja e em cada um de nós. *Na verdade, não se trata apenas de amar como Jesus, mas de amar com o amor de Jesus.* Cristo não diz apenas: "Permanecei no amor", mas: "Permanecei no meu amor".

Se amar fosse simplesmente copiar Jesus, Pedro teria sido capaz de dar sua vida por Ele, como ele afirmava. Ele teria podido imediatamente lavar os pés dos discípulos sem ter que esperar para entender mais tarde o que Jesus fazia. Jesus sabia que o exemplo simbólico que dava lavando-lhes os pés não podia ser seguido antes de sua morte e ressurreição, antes de Pentecostes. Morrendo por nós na Cruz, Jesus não se "limitou", por assim dizer, a amar-nos: deu-nos o seu amor, deu-nos o seu coração como fonte e sujeito da sua caridade em nós, através de nós.

Por isso, quando nos diz: "Permanecei no meu amor", antecipa a realidade nova que, a partir da Morte e Ressurreição, Ascensão e Pentecostes, será para nós, para sempre, o que nos permite amar como nunca amamos, como nunca pudemos amar sem Cristo. Toda a vida cristã é para acolher esta graça, para viver desta caridade. E todas as vocações na Igreja são para viver isto, nas múltiplas facetas do único e universal amor de Cristo. E todos os ministérios na Igreja são para favorecer esta graça, através da palavra, das obras, da oração, da oferta de si, do sacrifício, de tudo aquilo que um ministério requer e comporta.

Quando Pedro se viu novamente diante de Jesus naquela manhã, sobre a margem do Mar da Galileia, Jesus não lhe disse mais: "Tu me compreenderás ou me seguirás mais tarde". Tudo estava agora realizado e Pedro podia entrar no dom da sua vida através do dom da vida de Cristo. Ouvindo-se perguntar, mendigar, por três vezes – porque os pedintes insistem até obterem o que querem: "Simão, filho de João, tu me amas?", Jesus levou Pedro à consciência de não ter em si o amor suficiente para amar Jesus, e para amá-lo mais do que todos, como Jesus lhe pede na primeira vez (cf. Jo 21,15). Jesus pedia-lhe um amor infinito que Pedro agora sabia que não tinha.

Se criou nele como que um vazio, e esse vazio, de agora em diante, Jesus podia preenchê-lo com o Espírito Santo, com Seu amor, aquele que Ele recebia do Pai. Com esta pobreza de coração, Pedro podia agora permanecer no amor de Cristo, não se preocupando mais em ter que produzi-lo ele mesmo. Ele podia permanecer ali porque a consciência humilde de si produzida pela negação, mas sobretudo pelo perdão de Jesus, sem outras condições que não o amor, permitia que o amor de Cristo o tomasse consigo para levá-lo até lá onde humanamente não queria: ao martírio com o qual “ele glorificaria a Deus” (Jo 21,19).

A partir daí, tudo o que Pedro será e fará exprimirá o amor de Cristo. Agora Jesus podia confiar-lhe tudo para todos, porque lhe doava a possibilidade de permanecer em Seu amor por todos. É assim que Jesus pode confiar a Pedro, como a todos os apóstolos e discípulos, a Sua missão, aquela que Ele já cumpriu até o fundo, amando até o fim: "Apascenta as minhas ovelhas!" (cf. Jo 21,15-17). Toda a missão da Igreja é aquela de apascentar as ovelhas pelas quais o Bom Pastor já deu a sua vida (cf. Jo 10,11), para que elas “tenham vida e para que a tenham em abundância”. Estas ovelhas são toda a humanidade, porque, a sua vida, Cristo a deu por todos. Pedro e todos os pastores da Igreja (que compreendem todos os batizados, chamados cada um a apascentar de uma forma ou de outra o rebanho de Cristo), só poderão apascentar o rebanho no amor de Cristo, flexionando o amor de Cristo em todos os contextos e situações, transmitindo com a sua vida, com o seu amor, o amor de Cristo a toda a humanidade.

Isso significa algo fundamental: ninguém parte em missão sem permanecer no amor de Cristo. Sem permanecer não se caminha, não se corre. Por isso, então, Jesus, depois de pedir a Pedro que apascentasse as ovelhas, imediatamente lhe diz como pode partir, permanecendo com Ele, Nele, no Seu amor. Diz-lhe: "Segue-me!" (Jo 21,19.22).

Não se permanece no amor de Cristo sem segui-lo. Ou seja, sem estar sempre com Ele, a cada passo. Porque o amor de Cristo é precisamente o amor *de* Cristo, o *Seu* amor. E o amor não é um vapor que permanece no ar mesmo depois que a fonte passou. O amor de Cristo é Ele que nos ama, é a sua Pessoa que nos ama, sempre, isto é, cada instante. Seguir, antes de ser uma questão de aprendizagem, é uma questão de comunhão, de intimidade com o Senhor, de relação, de escuta, de pedido, um abraço.